

MACHISTA DEMITIDO

MANOEL SOARES

Comunicador
manoel.soares@tvglobos.com.br



Quando uma mulher alcança um cargo de liderança em um ambiente onde os homens são a maioria, é comum que ela precise escolher entre dois caminhos. Ou assume o papel de mãe de todos como cuidadora, e eles começam a respeitar e a seguir suas ordens por conta desse papel social já incorporado ao imaginário masculino, ou acaba tendo que se masculinizar para mostrar que ela não é menos rígida nas orientações.

Em ambos os casos as mulheres não podem ser simplesmente boas chefes como qualquer pessoa normal. Essa realidade silenciosa acontece há séculos e muitas mulheres acabam por sabotar suas evoluções para não ter que lidar com esses desdobramentos do machismo. Ter que explicar a toda hora que ela é a chefe e que merece ser respeitada e obedecida é uma chatice. Qualquer atitude mais enérgica é confundida com TPM ou outra variação hormonal. No caso dos homens, é o macho alfa

exigindo respeito.

Saber que somos machistas inconscientes é o primeiro passo para desintoxicarmos nossas ações. Não falo isso por achar que nós homens podemos ser seres evoluídos e sensíveis à pauta feminista, até porque sei

Homens que veem mulheres como seres inferiores estão condenados a ficar fora do mercado de trabalho

que a maioria de nós não está preparada para deixar o privilégio de ser o "senhor" de todas as vontades, mas por entender que o reposicionamento de mulheres nas empresas não é inevitável: hoje elas respondem por cargos de gerência e chefia em grandes empresas pelo mundo e já estão priorizando profissionais que

respeitem suas lideranças.

Assim como os dinossauros foram extintos por não evoluírem, os homens que insistem em ver mulheres como seres inferiores que eles podem passar a perna, estão condenados a ficar fora do mercado. Óbvio que o ideal era que os homens fossem tocados por um processo de tomada de consciência e compreensão de um mundo onde a igualdade de gênero fosse algo natural, mas sabemos que não é assim. Alguns vão aprender pela dor, seu machismo fará faltar comida no prato de seus filhos e quem sabe essa dor lhes convença de que respeitar sua chefe é a decisão mais sábia e profissional que tomou.

O respeito à mulher não está na mesa de negociação, agora é um pré-requisito para colocação profissional. Dar o devido respeito às mulheres chefes é inegociável para subir na máquina de uma empresa. A proposta feita aos homens é simples: ou dá ou desce.

REFLEXOS DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA

MAGNUS WICHMANN

Músico, neto de Teixeira
magnuswichmann.t@gmail.com



Estamos diante de um período que nunca passamos em nossa história, um período em que as pessoas levam suas opiniões e seus princípios ao extremo, sendo amplificadas pelas redes sociais, e começam a se estabelecer pequenos e grandes conflitos.

A discussão de conceitos, o debate de ideias, tudo isso é muito saudável, porém chegamos a um limite. Hoje em dia qualquer tema pouco polêmico que é levantado, seja em uma rede social ou conversando pessoalmente com alguma pessoa conhecida ou não, se a pessoa com quem tu conversas discorda de ti, na maioria dos casos, acaba em discussão exaltada.

É como se estivéssemos diante de uma neblina de tensão que gera uma intensidade constante que acaba refletindo até mesmo em outros assuntos sérios e banais. Ou seja, esta-

mos em constante tensão.

Seguidamente acontece algum caso como esse: uma pessoa busca desvairadamente notícia bombástica de tal partido de tal direcionamento político para postar, aí o seu "amigo" ou "seguidor" (o qual não sei por

Hoje em dia qualquer tema pouco polêmico que é levantado acaba em discussão exaltada

que o é) faz a sua réplica, muitas vezes agredindo ou falando bobagens, logo vem a tréplica mais afiada ainda! Aí se dá uma reação em cadeia que dependendo do assunto junta mais pessoas debatendo de ânimos

exaltados. E assim é mais um dentre tantos posts em uma rede social.

Outra questão é nós acharmos que a sociedade de uma forma geral está prestando mais atenção à política, talvez isso seja relativo e estamos em uma transição de geração que está ficando mais atenta a este assunto. Com as redes sociais dando voz a todos surgiram muitos "críticos" sem fundamentos e muitos esqueceram de prestar atenção e ler quem realmente agrega, não por sua própria escolha, mas sim por um fácil hábito imposto a ti sem que percebas. Um texto interessante pode passar despercebido no meio de tantos outros comuns ou bobos.

O ideal é tu achares valor nos dois lados, é saber ouvir, e se discordar, faça o com educação, o que seria do vermelho sem o amarelo?

PARA ALÉM DAS BUGIGANGAS

PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



Os principais analistas internacionais convergiram para um consenso nos últimos dias: a tendência de aprofundar a recessão nas economias líderes, o que complica mais a já conturbada América Latina. No Brasil, 1% de crescimento da economia mundial, por si só, tende a induzir 0,3% a mais no PIB. Uma conjuntura externa desfavorável num quadro de recessão crônica, com mais de 12 milhões de desempregados, estreita mais os graus de liberdade da política econômica interna. Com o agravante de o país não ter um projeto alternativo de desenvolvimento, ou seja, a proposta vigente da área econômica, pelo que se desprende, é justamente de colar-se na economia americana, apesar de sinais de pragmatismo na política externa terem sido o ponto positivo da última reunião dos Brics em Brasília.

O cenário pessimista decorre das dificuldades de entendimento entre americanos e chineses: a briga comercial é apenas a ponta visível do conflito maior sobre quem vai ser a economia dominante nas próximas décadas. Os juros baixos começam a perder o fôlego como estímulo ao consumo nos EUA e sua indústria não dá sinais de salto tecnológico, ao contrário do que previa a estratégia de fechamento de Trump. Já a China – que tem projeto nacional e sabe o que quer – hoje investe 2,2% de seu PIB em ciência e tecnologia, o dobro do que o Brasil, quando era menos de 0,9% 20 anos atrás. O país anunciara sem rodeios a intenção de ser potência tecnológica em um plano – "Made in China 2025", o qual gerou enormes resistências e conseguiu o milagre de unir EUA, Alemanha, Rússia e Japão. Ele anunciava a substituição gradual da indústria de bens populares por 10 setores intensivos em conhecimento, como robótica, espacial e aviões, inteligência artificial, novas energias e biofarmacêuticos. Depois de quebrar a indústria mundial com bugigangas de preços baixos, a nova etapa foca onde realmente interessa: a vanguarda tecnológica e militar – o requisito para ser potência. A reação levou a um jogo de cena, sugerindo um recuo chinês. Todavia, nas últimas semanas ficou claro que só o rótulo "Made in China 2025" fora abandonado. Ao contrário, as contestações internacionais teriam só conscientizado quanto à necessidade de acelerar sua execução.

O jogo pesado veio para ficar e apenas ir a reboque não é a melhor alternativa.

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias. Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.

A nova política da China foca onde realmente interessa: a vanguarda tecnológica e militar